

Trotsky e o período tardio da revolução mexicana

Everaldo Oliveira Andrade*

Resumo:

Embora o centenário da revolução mexicana seja comemorado neste ano, muitos historiadores estendem seu desfecho até o ano de 1940, chamado de período tardio ou final do longo processo revolucionário. Foi neste período final que viveu seu último exílio no México o revolucionário russo Leon Trotsky. Sua presença no país permitiu um ponto de intersecção de duas tradições revolucionárias que marcaram o início do século XX na América Latina e que se refletiu em sua elaboração e ação política. O México vivia nesse período sobre o governo do revolucionário nacionalista Lázaro Cárdenas. Este artigo pretende examinar este diálogo protagonizado por Trotsky frente à experiência do México revolucionário, pontuando algumas de suas contribuições teóricas.

Palavras-chave: revolução mexicana, Trotsky, cardenismo



* **EVERALDO OLIVEIRA ANDRADE** é Doutor em História pela Universidade de São Paulo e atualmente diretor do curso de História e professor de História da América na Universidade Guarulhos.



Trotsky in Cayoacán, Mexico 1940

O período tardio da revolução mexicana (1934-1940) e o cardenismo

A revolução mexicana começou em 1910 com um movimento de grande apoio popular para derrotar a ditadura de Porfirio Díaz. Em 1914 o país estava sob domínio quase completo das forças camponesas dirigidas por Pancho Villa e Emiliano Zapata. A derrota parcial das forças militares camponesas pela fração burguesa da revolução (Álvaro Obregón e Venustiano Carranza) permitiu que a Assembleia Constituinte fosse inaugurada na cidade de Querétaro em 21 de novembro de 1916. O debate da nova constituição era uma iniciativa que buscava favorecer a diluição da luta camponesa. As concessões da burguesia mexicana aos trabalhadores eram feitas no momento em que Villa retomava a ofensiva no norte, agindo como um fator de pressão a mais sobre a constituinte. A nova constituição incorporava vários direitos sociais fruto da luta revolucionária do povo mexicano, como o enunciado em favor das terras comunais (os ejidos) e da propriedade nacional do subsolo da nação, que abria caminho para a nacionalização do petróleo. Em 22 de dezembro de 1916 Pancho Villa tomava a cidade Torreón com um novo exército de mais dez mil soldados. Para burguesia era então decisivo manter aliados neste momento os trabalhadores

urbanos, as forças de esquerda e o jacobinismo da pequena burguesia representada agora pelos oficiais revolucionários (GILLY, 2007). Os combates contra as tropas remanescentes de Villa no norte e Zapata no sul prosseguiram, mas com pouca capacidade de colocar em risco a nova ordem em construção. Com a fraqueza crescente das tropas camponesas os batalhões vermelhos serão desmobilizados, permitindo que a repressão contra os trabalhadores ganhe corpo (SEMO, 1978).

A constituição de 1917 buscava consolidar institucionalmente a vitória da revolução, refletindo uma composição de forças sociais e políticas contraditórias. Do ponto de vista das frações burguesas, fortalecia os interesses dos setores nacionalistas e novas instituições de controle sobre os movimentos de massa. Consagrou uma série de direitos sociais contra a vontade dos setores mais conservadores da revolução ligados a Carranza. Declarava "o domínio inalienável e imprescritível" da nação sobre os minerais do subsolo, como petróleo, carvão, metais e águas. Também aprovava normas de divisão da terra e estabelecia o ejido, forma moderna da propriedade comunal, como categoria de instituição constitucional ao lado da pequena propriedade. O artigo 123 estabelecia entre suas questões mais importantes a jornada máxima de 8 horas de trabalho diurno e 7 horas para o trabalho noturno. Estabelecia a proibição do trabalho noturno, perigoso ou insalubre para mulheres e menores de 16 anos, um dia de descanso semanal obrigatório, um mês de descanso depois do parto e salário mínimo: "o que se considere suficiente, atendendo as condições de cada região, para satisfazer as necessidades normais da vida operária, sua educação e seus prazeres honestos". Sobre a organização operária garantia o direito de associação e de formação de

sindicatos, o direito de greves e paralisações, o estabelecimento de juntas paritárias com operários e patrões para conciliação e arbitragem de conflitos trabalhistas. O artigo 30 impunha severas restrições às igrejas, sobretudo a Católica, estabelecendo o matrimônio como contrato civil, o não reconhecimento da personalidade jurídica de nenhuma igreja, os ministros dos cultos passavam a ser considerados como pessoas que exercem uma profissão, sendo proibido ao clero participar da vida política, votar ou se associar com fins políticos.

As reformas sociais produzidas pela revolução contraditoriamente se voltaram contra os movimentos independentes das massas, como os exércitos de Villa e Zapata. Apesar do peso militar dos camponeses, as possibilidades de construção de uma representação política nacional destes sempre fracassará. Isso não significou que os camponeses não tivessem projetos e plataformas políticas próprias. O plano de Ayala proclamado por Zapata foi, por exemplo, marcante na delimitação das reivindicações camponesas (WARMANN). Quanto ao movimento operário, ele se organizará sob o manto ideológico e quase mitológico da vitória da revolução. De fato, a constituição de 1917 permitiu transformar as reformas sociais em instituições políticas dando margem de manobras para que sua aplicação fosse manejada de acordo com as necessidades da burguesia (CÓRDOVA, 2003).

Muitas das propostas revolucionárias aprovadas não saíram do papel, o que se relacionava na década de 1920 com um refluxo da atividade revolucionária das massas. No governo de Plutarco Calles (1924-1928) houve um esforço para burocratizar o movimento operário e conter as conquistas sociais da revolução. Ao mesmo tempo no fim do

seu governo 83,4% das terras cultiváveis ainda estavam nas mãos de apenas 13.444 latifundiários e um acordo com as empresas petroleiras estrangeiras postergou um controle e possível nacionalização do petróleo. A crise econômica em 1929, porém alterou o quadro político que vinha permitindo fazer recuar os impulsos revolucionários. Frente à crescente radicalização das lutas populares, destacou-se o setor de esquerda da burguesia mexicana disposto a avançar nas medidas revolucionárias estancadas. Lázaro Cárdenas Del Rio encabeçava esse movimento que buscará radicalizar medidas revolucionárias antes que se perdesse o controle das massas e se abrisse a possibilidade de ação independente destas (ALTMANN, 1983). Isto explica em parte porque Cárdenas se apropriará de uma retórica de esquerda. Como assinalou Werner Altmann:

"a retórica socialista da burguesia mexicana é por sua vez a expressão da segurança da condição hegemônica desta classe social na realidade política econômica e social do México na época de Cárdenas, e a ponte que essa classe estende ideologicamente às classes subalternas como se sua revolução fosse a delas" (ALTMANN, 1983).

Cárdenas aprofunda uma série de medidas sociais e busca uma aliança mais sólida com os movimentos do campo e da cidade. O bonapartismo tal como o caracterizará Trotsky mais a frente, torna-se uma necessidade para a burguesia frente à crescente ação independente das massas de um lado e, de outro, às pressões do imperialismo com quem essa burguesia não rompe por completo. O governo de Cárdenas representava uma nova fase da revolução ao reforçar medidas de soberania nacional frente ao imperialismo. Tratava-se de um giro do regime burguês nacionalista para a

esquerda no momento de ascensão das lutas das massas. Em 1935 Cárdenas acelera a reforma agrária e atinge o núcleo da agricultura comercial, ampliação que consolidava as comunidades camponesas ou ejidos, que passam de 13% para 47% das terras cultiváveis do país. Os ejidos logo passam a representar mais da metade das terras cultiváveis do país como fruto do ataque às grandes propriedades. Em 18 de março de 1938 foi nacionalizada a indústria petrolífera como parte das medidas antiimperialistas do governo (CAMIN, 2000).

As características bonapartistas do cardenismo transparecem com maior nitidez em relação aos obstáculos que interpõe à ação política livre e independente dos trabalhadores. Há um crescente aumento do controle corporativo do Estado sobre os movimentos, sindicatos e organizações operárias e populares, com a criação de várias instituições que buscavam enquadrá-los nas malhas do aparelho de estado. Os camponeses na conformação da Confederação Nacional Camponesa em 1938 formam um corpo armado de 60.000 milicianos. Com os operários também houve uma aproximação e maior controle, com formação da Confederação de Trabalhadores do México em 1936. Por exemplo, a contratação para o emprego para a se dar via intermediação dos sindicatos, o que abre espaço para o aumento da corrupção e do clientelismo o movimento operário. Além disso, o PNR (partido nacional revolucionário) transforma-se em PRM (partido da revolução mexicana) com um funcionamento político que busca englobar o partido e o estado.

Com apoio de massas, a política internacional de Cárdenas poderá ser marcada pelo internacionalismo antiimperialista, que se concretizou, por exemplo, no apoio ativo do seu governo

aos republicanos contra os fascistas de Franco durante a guerra civil espanhola (1936-1939), apoio não apenas retórico e político, mas material. Cárdenas enviou milhares de metralhadoras Mendoza fabricadas no México, que foram fundamentais para ajudar na defesa de Madri. Com a derrota dos republicanos o México recebe muitos exilados espanhóis e não reconhece o governo do ditador Franco. É nesta mesma orientação e como fruto das tradições revolucionárias do México, que Cárdenas será o único governo do mundo na época a acolher o revolucionário russo Leon Trotsky, expulso da URSS e perseguido por Stálin. O presidente mexicano repudia ao mesmo tempo as exigências de expulsão do dirigente revolucionário russo vindo dos stalinistas mexicanos e do dirigente sindical Vicente Lombardo Toledano.

A trajetória de Trotsky até o México

Quando Trotsky chegou ao México, em nove de janeiro de 1937, trazia não apenas a experiência da revolução russa de 1917, mas também a continuidade de duros combates políticos em defesa das suas posições em relação aos princípios e propostas socialistas revolucionárias de outubro de 1917 que o stalinismo agora atacava. Sua presença no México revolucionário certamente permitiu um ponto de intersecção de duas tradições revolucionárias que marcaram o início do século 20. Trotsky era um refugiado político sem passaporte em 1936. Conseguira estadia provisória na Noruega, mas sob constante ameaça de deportação para à URSS, onde seria certamente executado sob o mando de Stálin. A posição de Trotsky ao criticar abertamente a degeneração e corrupção a que os dirigentes soviéticos submetiam a revolução russa, a degeneração burocrática do partido comunista, ou revolução traída em seus objetivos originais, a necessidade de

uma nova internacional revolucionária, faziam dele um obstáculo à manutenção, sob o manto da legitimidade da revolução de 1917, dos privilégios da burocracia stalinista. Sua trajetória desde a vitória da revolução de 1917, quando dirigiu o soviets e depois o exército vermelho que esmagou a contra-revolução, fazia dele um personagem com toda a autoridade política para defender o que se considerava um patrimônio político da classe operária mundial.

Foi assim que, buscando fazer o debate democrático no interior do partido comunista soviético, ele participara da formação da Oposição Unificada de esquerda em abril de 1926. Em 1927 Trotsky fora excluído do partido comunista. Em fevereiro de 1929 ele foi expulso da União Soviética e asilou-se provisoriamente na Turquia, na ilha de Prinkipo. Nesse período escreve as teses sobre a revolução permanente e retoma o debate que já realizara a partir da experiência da revolução russa de 1905, criticando a política de alianças dos partidos comunistas com as burguesias nos países de capitalismo atrasado. Ele fazia um balanço dos erros políticos da revolução chinesa de 1925, na qual Stálin obrigara os comunistas a se aliarem com os nacionalistas do partido Kuomintang e que resultou em massacres contra os militantes comunistas vindas das tropas nacionalistas.

Entre 1929 e 1930 Trotsky escreve intensamente, fazendo dos livros armas de luta política. São dessa época os livros História da Revolução Russa, Minha Vida, Revolução Permanente e numerosos textos e artigos. Trabalha febrilmente em uma campanha para constituir um movimento internacional em defesa da reorientação da 3ª Internacional Comunista. Assim a organização da Oposição de Esquerda Internacional ganha novos impulsos com a realização da sua primeira

conferência em abril de 1930. No Brasil estas lutas se refletem na constituição de um grupo político de Oposição no interior do PCB, grupo capitaneado inicialmente por Mário Pedrosa.

Em 1933 ocorre uma nova orientação política na tática da oposição de esquerda internacional, que até então buscava um redirecionamento dos partidos comunistas e da 3ª Internacional que agrupava o conjunto das organizações comunistas no mundo. Um novo fato de profundas repercussões ocorrera. Tratava-se da ascensão de Hitler ao poder na Alemanha e da negação combate unitário da classe operária pelo partido comunista – a frente única - que recusou qualquer aliança com os socialistas como defendeu Trotsky. Este debate está registrado no seu livro Revolução e Contra-revolução na Alemanha. A derrota sem iniciativa do movimento operário alemão, o mais poderoso e organizado fora da URSS, dividido pela ação consciente e ativa dos stalinistas, demonstrava para Trotsky o fim de qualquer possibilidade de reorientação da Internacional Comunista. Tratava-se agora de construir um movimento por uma nova internacional operária capaz de enfrentar as ameaças que se desenhavam no horizonte com o fascismo. Em 1936 é criado o Movimento pela Quarta Internacional. Trotsky publica nesse período o livro A Revolução Traída, uma análise profunda e até certo ponto profética da via sem saída da economia soviética isolada, do socialismo em um só país, que em médio prazo levaria a crescentes distorções o planejamento e o desenvolvimento da economia soviética. Esta via apontava para o colapso do sistema ou a restauração do capitalismo se não houvesse uma revolução política na União Soviética para preservar a propriedade social e derrotar a burocracia stalinista.

No mesmo período Stálin desencadeia uma nova e sangrenta onda de perseguições e expurgos brutais na URSS, tratavam-se dos famigerados “processos de Moscou”, que terminarão por liquidar todos os velhos militantes bolcheviques que combateram ao lado de Lênin, além daqueles que ousaram pensar de maneira independente da burocracia stalinista. A perseguição se estende pelo mundo pelos braços da polícia política GPU, abarca todas as minorias dos partidos comunistas e vai além, buscando perseguir, isolar e assassinar muitos dos militantes que simpatizavam ou apoiavam as idéias defendidas por Trotsky e os militantes opositores de esquerda. Entre fevereiro e março de 1937 Stálin e o comitê central do partido comunista ordenam o extermínio dos trotskistas, desenvolvendo uma violenta campanha de falsificações que busca associá-los ao fascismo de Hitler e Mussolini. Buscava-se de fato assegurar os privilégios da burocracia stalinista, que se alimentava das conquistas econômicas e sociais da revolução socialista, tentando cortar os laços políticos e históricos que uniam os antigos dirigentes da revolução de outubro. Trotsky é nesse momento da história um dos poucos e raros sobreviventes e em plena atividade política. É, portanto, neste contexto de cerco quase completo, que em dezembro de 1936 o governo Cárdenas aceita asilar Trotsky e sua esposa.

Trotsky e a revolução na América Latina

As atividades de Trotsky nem sempre foram abertamente conhecidas no México, pois o estatuto de asilado o impedia de agir diretamente nos assuntos internos do país. No entanto, seu contato direto com a realidade latino-americana e com os militantes da região, o ajudou a “sentir o pulso” da realidade local e lhe permitiu pensar

sobre a região e contribuir a partir de sua experiência revolucionária no processo final da revolução mexicana.

O México não era certamente um país totalmente desconhecido a Trotsky, que havia tido contato com a realidade da revolução mexicana e latino-americana de maneira um pouco distante ou com pouco envolvimento por conta da fragilidade do movimento comunista na região na década de 1920. A realidade dos Estados Unidos era certamente mais próxima, o que nos permite alimentar a hipótese de que tenha travado contato direto com a realidade mexicana através de informações fornecidas por John Reed, jornalista e militante comunista estadunidense que havia estado no México durante a Revolução e escrevera a partir do contato direto com Pancho Villa. Na União Soviética Reed teve contato com os principais dirigentes da revolução de 1917, onde ele morreu deixando seu célebre livro Os dez Dias que abalaram o mundo.

A elaboração teórica de Trotsky foi muito fértil nesse período mexicano. O conceito de “bonapartismo sui generis” foi formulado por Trotsky no México em uma tentativa para caracterizar os governos nacionalistas como o de Lázaro Cárdenas e outros na América Latina. Esta certamente foi uma das contribuições mais importantes do revolucionário russo aos debates políticos e historiográficos sobre a caracterização dos governos nacionalistas com base de massas na região nesse período. Segundo Trotsky, as burguesias nacionais submetidas ao capital estrangeiro e frente ao movimento operário organizado e combativo podem oscilar politicamente sob a dupla pressão do imperialismo e do movimento operário. Podem atacar o proletariado para defender os capitalistas estrangeiros ou fazer concessões aos operários buscando uma base de apoio nas massas para uma

política internacional independente. E nesse sentido, um governo com essas características busca colocar-se acima das classes e forças antagônicas criando num certo tipo de capitalismo de estado através de nacionalizações de empresas, estatizações etc., medidas progressistas no sentido do socialismo, mas que, no entanto, não se confundem com medidas de um governo socialista que ataca as bases materiais da burguesia, expropriando os meios de produção em suas mãos. Por isso, a maior ameaça ao bonapartismo sui generis seria a ação independente do movimento operário que pode aprofundar medidas de caráter socialista. Os regimes bonapartistas complementam suas medidas com a busca do controle dos sindicatos, partidos de massa e movimentos populares. Para Trotsky esse debate não tinha nada de abstrato ou teórico.

Era necessário defender as medidas progressistas e democráticas de caráter nacionalista do governo Cárdenas como a nacionalização do petróleo e a reforma agrária, mantendo ao mesmo tempo a completa independência política do movimento operário em relação ao seu governo, e em particular nos sindicatos. Ele criticou, por isso, o controle e corporativismo sindical que buscava impedir a ação independente do movimento operário, propondo que os militantes revolucionários combatessem pela independência dos sindicatos em relação ao estado.

Em polêmica com militantes revolucionários mexicanos que se recusavam a apoiar as medidas antiimperialistas de Cárdenas, Trotsky defendeu sua perspectiva política da revolução permanente: os militantes revolucionários mexicanos deveriam apoiar a expropriação do petróleo como uma medida de defesa nacional, progressista em relação à perspectiva socialista, mas preservando a independência de classe do proletariado

frente ao governo:

"Nossos camaradas do México e fora dele, tratam de maneira abstrata do que concerne ao proletariado, incluindo a história em geral, já não de saltar com as massas por cima de certas etapas, senão por cima da história em geral e, sobretudo por cima do desenvolvimento do proletariado. A classe operária do México participa e não pode mais que participar do movimento, na luta pela independência do país, pela democratização das relações agrárias, etc. Deste modo, o proletariado pode chegar ao poder antes que a independência do México esteja assegurada e as relações agrárias reorganizadas" (TROTSKY, 2000).

Trotsky caracterizará inicialmente a revolução mexicana como uma revolução de caráter bonapartista, em que o estado buscava se firmar como um árbitro acima das classes sociais. De um lado procurava-se preservar os antigos privilégios de banqueiros e investidores estrangeiros convertidos em parte à nova classe dominante pós-revolucionária (CÓRDOVA, 2003). Por outro lado, as massas preservaram certa capacidade ou perspectivas de ação independente. A revolução fortalece a burguesia mexicana e lhe permite controlar em melhores condições as massas populares sem, no entanto, romper com o controle do imperialismo sobre o país mesmo se o conteúdo era o de uma revolução pela soberania frente ao imperialismo. A polêmica sobre a caracterização política da revolução foi longa entre os marxistas da época, que durante muitos anos a classificaram como uma revolução pequeno-burguesa ou democrático-burguesa, como a definiu a 1ª Conferência Comunista Latino-americana de junho de 1928 em Buenos Aires.

A abordagem de Trotsky sobre o bonapartismo está entrelaçada ainda hoje a um longo e infundável debate

acadêmico acerca da abrangência e aspectos particulares da utilização do conceito de populismo para se abordar governos, movimentos e partidos políticos nacionalistas e de massas na América Latina. Octávio Ianni destacou que haveria pelos menos três características comuns entre bonapartismo e populismo: o equilíbrio das classes sociais que participam do pacto ou coalizão populista, a hipertrofia do executivo como um governo forte, semi-ditatorial ou ditatorial e, por fim, a busca da organização do poder para além do estado com o controle de partidos e sindicatos. Porém há especificidades do bonapartismo que o distinguiria do populismo segundo Ianni:

“O bonapartismo típico resulta de uma luta intensa pelo poder. Ele se impõe quando nenhuma das classes sociais em confronto dispõe de condições para impor o seu mandato às outras. (...) na vigência do bonapartismo as classes sociais continuam a desenvolverem-se como classes. Elas não se mantêm nem iguais nem amorfas na vigência do regime. (...) No bonapartismo, pois, o que parece ser essencial é uma situação de antagonismo de classes na qual a própria contradição e a impotência relativa das classes obrigam-nas a acomodarem-se entre si (...)” (IANNI, 1989, 35)

A caracterização de Trotsky sobre o bonapartismo *sui generis* e de apoio às medidas progressistas de Cárdenas tinha outros desdobramentos. A defesa da ação independente do movimento operário tinha o objetivo de formar uma frente única antiimperialista do conjunto da nação, sob a liderança operária, para levar a frente às tarefas da revolução socialista. Este era o conteúdo concreto que ele dava à teoria da revolução permanente. O objetivo do apoio às medidas progressistas de um governo nacionalista era fortalecer o próprio movimento operário independente. Esse

debate existiu em particular quando Trotsky, em polêmica com dirigentes da APRA (Aliança Popular Revolucionária) peruana, partido nacionalista pequeno-burguês, reafirmou que embora a frente única antiimperialista pudesse implicar em alianças de classe com setores da pequena-burguesia e mesmo setores burgueses antiimperialistas, isso jamais implicaria na renúncia e submissão do movimento operário à liderança da burguesia, tática defendida pelos partidos stalinistas. Os dirigentes da APRA afirmavam que as reformas da revolução nacionalista ocorreriam sob a liderança antiimperialista e revolucionária da burguesia e o movimento operário deveria apoiá-la. Trotsky argumentou que as burguesias latino-americanas associavam-se diretamente aos interesses das forças imperialistas contra os interesses das suas próprias nações. Para defender a própria nação seria necessária a liderança do movimento operário independente. As revoluções não poderiam ser realizadas apenas no quadro nacional, pois não permitiria, entre outras questões, ver e combater as articulações internacionais do imperialismo e, portanto, o lugar submisso das classes dominantes locais.

Nesse sentido há uma crítica ao latino-americanismo como projeto político isolado da revolução mundial. Na medida em que a luta de classes assume um caráter internacional, o movimento operário latino-americano não se separaria do movimento operário do restante do continente e principalmente dos EUA. Tratava-se de um único movimento político que deveria agir na mesma perspectiva. Confundir o movimento operário dos EUA com seu governo e sua burguesia favoreceria a dominação imperialista. E Trotsky não desconhecia as divisões entre brancos e negros no interior da própria classe operária estadunidense, as pressões

burocráticas e reformistas dos sindicatos ligados ao estado ou ao stalinismo, que buscavam entorpecer o operariado dos EUA. No mesmo período em que está no México ele trava também um debate com os militantes estadunidenses do Socialist Workers Party (SWP, a seção da 4ª Internacional nos EUA) sobre a necessidade de uma tática específica no país para enfrentar as divisões da classe operária e que se desdobrava na necessidade de se buscar a constituição de um Partido Operário e de um Partido Negro, iniciativas paralelas e combinadas. Estava claro para Trotsky que uma iniciativa dos operários pela sua independência política enfraqueceria o próprio imperialismo e ajudaria os operários do conjunto da América Latina. Por outro lado, o latino-americanismo, por si só, como movimento nacionalista, serviria apenas para encobrir uma política continental de alianças dos movimentos operários em cada país com as burguesias latino-americanas, supostamente contra os EUA, algo que jamais ocorreria. Esta posição não significava para Trotsky que partidos da pequena burguesia nacionalista não poderiam agir sob pressão das massas populares para avançar medidas e uma revolução antiimperialista. A História latino-americana posterior e atual demonstrou que está hipótese seria plenamente plausível como se demonstrou na revolução boliviana de 1952 e na revolução cubana de 1959. A frente única antiimperialista dizia respeito à busca da unidade da nação sob a liderança operária, para realizar as medidas democráticas e nacionais incompletas do ponto de vista do desenvolvimento histórico e abrir caminho para a revolução socialista.

Pode-se afirmar que a tática política proposta por Trotsky para a revolução socialista na América Latina e no México em particular, é um desdobramento da Lei do

Desenvolvimento Desigual e Combinado já desenvolvida por ele no prefácio do seu livro “História da Revolução Russa”. Ele recolocava no centro da análise a dialética materialista histórica que se contrapõe ao dogmatismo da teoria da revolução por etapas do stalinismo. O México fornecia um cenário vivo para estas observações. Como destacou Octavio Ianni a partir das observações de Trotsky:

“A lei do desenvolvimento desigual e combinado não é uma teoria do acaso, mas um modo particular de funcionamento das leis do capitalismo nas sociedades atrasadas ou dependentes. O país atrasado assimila ou combina, de maneira *sui generis*, conquistas materiais, instituições ou mesmo fases diversas do processo histórico das nações mais adiantadas (...) essa assimilação e combinação não se dão ao acaso, mas segundo as condições socioculturais, políticas e econômicas do país atrasado. Em segundo lugar, esses processos dependem das influências, pressões e interesses dos países adiantados ou dominantes. (...) As épocas históricas dos países da América Latina estão parcial ou amplamente determinadas, conforme o caso, pelas flutuações e desenvolvimento do capitalismo mundial; ou, mais especificamente, pela forma de vinculação dos países latino-americanos à Inglaterra ou aos Estados Unidos...”(IANNI, 1989, 14-15)

Outra contribuição importante de Trotsky realizada no contexto da Revolução Mexicana deu-se no campo da produção cultural. Ele retomou, reavaliou e aprofundou posições que já defendera em seu livro *Literatura e Revolução* durante a revolução russa sobre as relações entre a luta revolucionária e o papel dos artistas no processo da revolução. Porém, na década de 1930 o debate sobre a cultura não era mero diletantismo intelectual. O stalinismo utilizava-se do grande

prestígio da revolução russa entre artistas e intelectuais, impondo um dirigismo político sobre o próprio processo de criação do artista. O “realismo socialista” estendia para o campo das artes e cultura o dogmatismo e autoritarismo stalinista. O “Manifesto por uma Arte Revolucionária e Independente”, escrito por Trotsky em colaboração com o pintor mexicano Diego Rivera e o poeta surrealista francês André Breton em 1938 tinha como um dos principais objetivos relacionar a total liberdade de criação do artista com a perspectiva da revolução socialista. Mais do que isso, propunha que os artistas revolucionários não aceitassem nenhuma imposição ao seu processo criativo, que pela sua própria essência dizia respeito à libertação permitida pela revolução socialista. No Brasil as propostas do Manifesto foram amplamente divulgadas por Mário Pedrosa e Patrícia Galvão (a Pagu) através do jornal Vanguarda Socialista a partir de 1945.

A fundação da 4ª Internacional e a elaboração das teses e documentos do seu congresso consumiram boa parte dos últimos meses de trabalho de Trotsky no México. Tratava-se certamente, como ele mesmo registrou, do que ele considerava a obra mais importante da sua vida. A nova Internacional buscava preservar a experiência política do movimento operário até então e que teve seu ponto mais alto com a vitória da Revolução Russa de 1917 e os primeiros quatro congressos da 3ª Internacional. O documento central escrito por Trotsky foi o Programa de Transição ou a Agonia do Capitalismo e as Tarefas da 4ª Internacional. Para Trotsky a crise vivida pela humanidade nesse momento, a carnificina da Segunda Guerra Mundial que se precipitava, relacionava-se à crise de direção do movimento operário. O exílio mexicano permitira a Trotsky, mesmo

sob a ameaça constante de atentados e perseguições, abrir uma perspectiva para a continuidade da via revolucionária. O seu assassinato em 20 de agosto de 1940 por um agente stalinista foi visto por Cárdenas não só com indignação, mas como uma agressão à soberania nacional e à revolução mexicana (ALTMANN, 2001). O fim do governo Cárdenas também em 1940 assinalava o período final das transformações nacionalistas revolucionárias no México. A continuidade da revolução mexicana em uma via socialista estava de alguma forma já plantada com o sangue de Trotsky em solo mexicano.

Referências:

ALTMANN, Werner. México: o estado e a unidade nacional cardenista, separata da *Revista de História*, nº 115, em julho-dezembro, 1983.

Cardenas e o nacionalismo mexicano, in: *Trotsky hoje*, São Paulo: editora Ensaio, Cadernos Ensaio, nº 6, 1994, pp. 237-251.

México e Cuba: revolução, nacionalismo, política externa, São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *A revolução mexicana*, São Paulo: editora Unesp, 2010

CAMÍN, Héctor Aguilar e Meyer, Lorenzo. *A sombra da revolução mexicana*, São Paulo: Edusp, 2000

CÓRDOVA, Arnaldo. México, revolución burguesa y política de masas, in: Adolfo; CÓRDOVA, Arnaldo; BARTRA, Armando et al. *Interpretaciones de La Revolución Mexicana*. México: Nueva Imagen, 2003

GILLY, Adolfo. *La revolución interrumpida*, México: ed. Era, 2007.

IANNI, Octavio. *A formação do estado*

populista na América Latina, 2ª ed., São Paulo: Ática, 1989.

SEMO, Henrique. *História mexicana*, México, editora Era, 1978.

TROTSKY, Leon. *História da Revolução Russa*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, t.1

_____. *A Revolução permanente*, 2ª ed., São Paulo, Kairós, 1985

_____. *A revolução traída*, São Paulo: Inst. José Luis e Rosa Sundermann, 2005

_____. *Escritos*

latinoamericanos, Buenos Aires: CEIP, 1999

_____. *Revolução e contra-revolução na Alemanha*, São Paulo: LECH, 1979

_____. O México e o imperialismo, Obras, t. 18 (em francês), in: *Revista A Verdade*, 26, novembro de 2000.

WARMAN, Arturo. La lucha social e no en el campo de México: un esfuerzo de periodización, in: *Historia de la cuestión agrária mexicana (1934-1940)*, México: Siglo XXI.